



A DIÁSPORA JUDAICA

INTRODUÇÃO

Poucos povos na história conseguiram conservar sua identidade religiosa, cultural e nacional durante tantos séculos quanto o povo judeu. Desde os tempos dos Patriarcas, passando pela escravidão no Egito, a conquista da Terra Prometida, os exílios, as perseguições e as dispersões pelo mundo, Israel permaneceu consciente de sua vocação particular como povo da Aliança.

A história do povo judeu não é apenas uma página do passado. Ela continua presente no mundo contemporâneo através da diáspora judaica, do moderno Estado de Israel e do diálogo cada vez mais profundo entre judeus e cristãos. Para compreender adequadamente essas realidades, é necessário distinguir entre o Israel da Bíblia, o Estado moderno fundado em 1948 e a missão permanente do povo judeu na história da salvação.

Ao mesmo tempo, a Igreja Católica reconhece que suas próprias raízes encontram-se profundamente inseridas na tradição de Israel. Como ensina São Paulo: “Deles são os patriarcas e deles procede Cristo segundo a carne’ (Rm 9,5).

Conhecer a história do povo judeu é, portanto, conhecer também as raízes da própria fé cristã.

1. A DIÁSPORA JUDAICA

A palavra “diáspora” vem do grego διασπορά (*diasporá*), que significa dispersão ou espalhamento. Ela designa a presença dos judeus fora da Terra Santa.

Muitas vezes se pensa que a diáspora começou apenas após a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C., mas suas origens remontam aos tempos do Antigo Testamento.

1.2. O Exílio Assírio

A primeira grande dispersão ocorreu em 722 a.C., quando o Reino do Norte foi conquistado pela Assíria. A Escritura relata: “O rei da Assíria deportou Israel para a Assíria” (2Rs 17,6). As dez tribos do norte foram espalhadas e gradualmente desapareceram da história, dando origem ao que posteriormente ficou conhecido como as “dez tribos perdidas de Israel”.

1.2. O Exílio Babilônico

O acontecimento mais traumático da história de Israel ocorreu em 587/586 a.C. Jerusalém foi conquistada por Nabucodonosor, o Templo destruído e grande parte da população deportada para a Babilônia. A Bíblia resume dramaticamente: “Juda foi deportado para longe de sua terra” (2Rs 25,21). O sofrimento desse exílio permanece registrado no célebre Salmo 137: “Às margens dos rios da Babilônia nos sentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião” (Sl 137,1). Foi justamente durante o exílio que o povo aprofundou sua compreensão da Aliança, das Escrituras e da própria identidade religiosa.

1.3. O retorno e a diáspora permanente

Em 539 a.C., o rei persa Ciro conquistou a Babilônia e autorizou o retorno dos exilados. Seu decreto é conservado no Livro de Esdras: “Quem dentre vós pertence ao seu povo? Que seu Deus esteja com ele e suba a Jerusalém” (Esd 1,3). Muitos judeus retornaram para reconstruir Jerusalém e o Templo. Entretanto, numerosos grupos

permaneceram nas regiões onde haviam se estabelecido. A partir desse momento surgiu uma diáspora permanente.

1.4. A diáspora no tempo de Jesus

No século I da era cristã havia provavelmente mais judeus vivendo fora da Palestina do que dentro dela. Grandes comunidades floresciam em Alexandria (Egito), Antioquia (Síria), Roma, Éfeso, Corinto, Babilônia. O livro dos Atos dos Apóstolos testemunha essa realidade quando descreve os peregrinos presentes em Jerusalém no Pentecostes: “Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Capadócia, do Ponto e da Ásia...” (At 2,9-11). Esses judeus vinham de diversas regiões do mundo conhecido.

1.5. A dispersão após a destruição do Templo

Em 70 d.C., os romanos destruíram Jerusalém e o Segundo Templo. Em 135 d.C., após a revolta de Bar Kochba, os judeus foram novamente dispersos. Durante quase dezenove séculos não existiu um Estado judeu independente. Apesar disso, os judeus conservaram a fé no Deus único, a observância da Torá, a esperança messiânica, o vínculo espiritual com Jerusalém.

2. O ISRAEL BÍBLICO E O ESTADO MODERNO DE ISRAEL

A palavra Israel aparece inicialmente como nome de uma pessoa. Depois de lutar com o misterioso mensageiro divino, Jacó recebe um novo nome: “Teu nome não será mais Jacó, mas Israel” (Gn 32,29).

Posteriormente, Israel passou a designar os descendentes de Jacó, as doze tribos, o povo da Aliança e o reino estabelecido por Saul, Davi e Salomão.

Israel era fundamentalmente uma realidade religiosa. Sua identidade estava baseada na Aliança feita com Deus: “Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Lv 26,12).²

2.1. A Terra Prometida

A relação entre Israel e a terra tem origem na promessa feita a Abraão: “À tua descendência darei esta terra” (Gn 12,7). Essa promessa foi renovada a Isaac, Jacó e aos seus descendentes. A Terra Santa tornou-

se o lugar concreto da história da salvação. Foi ali que viveram os Patriarcas, os Profetas, os Reis, Jesus Cristo e os Apóstolos.

2.2. O moderno Estado de Israel

Após séculos de dispersão, o movimento sionista do século XIX buscou o retorno dos judeus à sua terra histórica. Em 14 de maio de 1948 foi proclamado oficialmente o Estado de Israel. Trata-se de uma nação moderna, com governo democrático, parlamento, exército, instituições civis e população diversificada.

Nem todos os seus cidadãos são judeus. Há também cristãos, muçulmanos, drusos e outras minorias religiosas. Da mesma forma, nem todos os judeus vivem em Israel: milhões continuam espalhados pelo mundo.

2.3. O Israel bíblico e o Estado moderno são a mesma realidade?

A resposta é não. Existe uma profunda continuidade histórica, cultural e religiosa, mas não identidade absoluta.

O Israel bíblico pertence à história da salvação. O Estado moderno pertence à ordem política contemporânea. A Igreja distingue claramente essas duas dimensões.

As promessas bíblicas possuem um significado religioso que não pode ser reduzido simplesmente às questões políticas atuais. Ao mesmo tempo, a existência do Estado de Israel representa um dos acontecimentos históricos mais significativos da história judaica contemporânea.

3. A RELAÇÃO ENTRE CATÓLICOS E JUDEUS

O cristianismo nasceu dentro do povo judeu: Jesus era judeu, Maria era judia, José era judeu, os Apóstolos eram judeus. A primeira comunidade cristã era inteiramente composta por judeus. Jesus declarou: “A salvação vem dos judeus” (Jo 4,22). Por isso não é possível compreender plenamente o cristianismo sem conhecer Israel.

3.1. A imagem da oliveira

São Paulo utiliza uma imagem extraordinária para explicar a relação entre judeus e cristãos: “Se a raiz é santa, também os ramos o são” (Rm

11,16). Os cristãos são comparados a ramos enxertados na oliveira de Israel. Portanto, a Igreja não substitui Israel, mas participa das promessas realizadas em Cristo.

3.2. O contexto do Concílio Vaticano II

Durante séculos, as relações entre cristãos e judeus foram frequentemente marcadas por incompreensões e conflitos. Após as tragédias do século XX, especialmente o Holocausto, a Igreja sentiu a necessidade de refletir profundamente sobre sua relação com o povo judeu.

Essa reflexão culminou na Declaração *Nostra Aetate*, promulgada por São Paulo VI em 28 de outubro de 1965. Esse documento recorda que a Igreja recebeu de Israel grande parte de seu patrimônio espiritual. A eleição de Abraão, a Lei, os Profetas e as promessas messiânicas fazem parte da herança comum. São Paulo afirma: “Os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (Rm 11,29). Por isso a Igreja reconhece a permanência da eleição de Israel na história da salvação.

Um dos ensinamentos mais importantes da *Nostra Aetate* é a condenação de toda forma de antissemitismo. A Igreja declara que deplora os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo dirigidos contra os judeus em qualquer época e por qualquer pessoa. Trata-se de um ensinamento definitivo e permanente. Nenhuma forma de preconceito contra os judeus é compatível com a fé cristã.

A declaração também esclarece uma questão histórica importante: a questão da morte de Cristo. Os judeus não podem ser considerados coletivamente culpados pela morte de Jesus. Nesse sentido, a Igreja ensina que não se pode imputar indistintamente nem a todos os judeus então vivos nem aos judeus de hoje o que foi perpetrado durante a Paixão. Em sentido teológico, Cristo morreu pelos pecados de toda a humanidade, como profetizou Isaías: Ele foi ferido por causa de nossas transgressões” (Is 53,5).

A partir do Concílio, a Igreja passou a incentivar fortemente o diálogo com o judaísmo. São João Paulo II chamou os judeus de “nossos irmãos mais velhos na fé de Abraão”. Em 1986 tornou-se o primeiro Papa da história a visitar oficialmente uma sinagoga. Esse diálogo não elimina as diferenças teológicas, mas promove respeito, amizade, colaboração, conhecimento mútuo.

CONCLUSÃO

A história da diáspora judaica revela a extraordinária fidelidade de um povo que conseguiu preservar sua identidade religiosa ao longo de milênios.

O Israel bíblico e o Estado moderno de Israel estão profundamente relacionados, mas não são realidades idênticas. Um pertence diretamente à história da salvação; o outro é uma realidade política contemporânea.

A Igreja Católica, especialmente desde a *Nostra Aetate*, reconhece suas raízes judaicas e convida todos os cristãos a cultivarem uma atitude de respeito, gratidão e diálogo para com o povo judeu. Ao contemplarmos a história de Israel, compreendemos melhor a própria história da salvação.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi